

CARAMBAIA

| | | | |
|------------------------------|----|--------------------|----|
| DEDICATÓRIA | 11 | 9. TRANSIÇÃO | 41 |
| PRÓLOGO DA | | 10. NAQUELE DIA | 42 |
| QUARTA EDIÇÃO | 13 | 11. O MENINO É PAI | |
| AO LEITOR | 15 | DO HOMEM | 45 |
| | | 12. UM EPISÓDIO | |
| 1. ÓBITO DO AUTOR | 17 | DE 1814 | 50 |
| 2. O EMPLASTO | 20 | 13. UM SALTO | 57 |
| 3. GENEALOGIA | 21 | 14. PRIMEIRO BEIJO | 59 |
| 4. A IDEIA FIXA | 23 | 15. MARCELA | 62 |
| 5. EM QUE APARECE | | 16. UMA REFLEXÃO | |
| A ORELHA DE UMA | | IMORAL | 67 |
| SENHORA | 25 | 17. DO TRAPÉZIO E | |
| 6. <i>CHIMÈNE, QUI L'ÊÛT</i> | | OUTRAS COISAS | 68 |
| <i>DIT? RODRIGUE, QUI</i> | | 18. VISÃO DO | |
| <i>L'ÊÛT CRU?</i> | 26 | CORREDOR | 73 |
| 7. O DELÍRIO | 30 | 19. A BORDO | 74 |
| 8. RAZÃO CONTRA | | 20. BACHARELO-ME | 80 |
| SANDICE | 40 | 21. O ALMOCREVE | 81 |

22. VOLTA AO RIO 84
23. TRISTE, MAS
CURTO 86
24. CURTO, MAS
ALEGRE 88
25. NA TIJUCA 90
26. O AUTOR HESITA 94
27. VIRGÍLIA? 97
28. CONTANTO QUE... 99
29. A VISITA 101
30. A FLOR DA MOITA 102
31. A BORBOLETA
PRETA 104
32. COXA DE
NASCENÇA 107
33. BEM-AVENTURADOS
OS QUE NÃO
DESCEM 109
34. A UMA ALMA
SENSÍVEL 111
35. O CAMINHO
DE DAMASCO 112
36. A PROPÓSITO DE
BOTAS 113
37. ENFIM! 115
38. A QUARTA EDIÇÃO 116
39. O VIZINHO 119
40. NA SEGE 121
41. A ALUCINAÇÃO 122
42. QUE ESCAPOU
A ARISTÓTELES 124
43. MARQUESA,
PORQUE EU SEREI
MARQUÊS 125
44. UM CUBAS! 126
45. NOTAS 128
46. A HERANÇA 129
47. O RECLUSO 132
48. UM PRIMO DE
VIRGÍLIA 133
49. A PONTA DO NARIZ 135
50. VIRGÍLIA CASADA 136
51. É MINHA! 138
52. O EMBRULHO
MISTERIOSO 141
53. 144
54. A PÊNDULA 145
55. O VELHO DIÁLOGO
DE ADÃO E EVA 146
56. O MOMENTO
OPORTUNO 148
57. DESTINO 149
58. CONFIDÊNCIA 151
59. UM ENCONTRO 152
60. O ABRAÇO 157
61. UM PROJETO 158
62. O TRAVESSEIRO 159
63. FUJAMOS! 160
64. A TRANSAÇÃO 165
65. OLHEIROS E
ESCUTAS 168
66. AS PERNAS 171
67. A CASINHA 172
68. O VERGALHO 174
69. UM GRÃO DE
SANDICE 176
70. DONA PLÁCIDA 177
71. O SENÃO DO
LIVRO 178
72. O BIBLIÔMANO 179
73. O *LUNCHEON* 181
74. HISTÓRIA DE DONA
PLÁCIDA 182
75. COMIGO 185
76. O ESTRUME 186
77. ENTREVISTA 187
78. A PRESIDÊNCIA 189
79. COMPROMISSO 192
80. DE SECRETÁRIO 193
81. A RECONCILIAÇÃO 194
82. QUESTÃO DE
BOTÂNICA 197
83. 13 200
84. O CONFLITO 203
85. O CIMO DA
MONTANHA 205
86. O MISTÉRIO 206
87. GEOLOGIA 206
88. O ENFERMO 209
89. *IN EXTREMIS* 211
90. O VELHO COLÓQUIO
DE ADÃO E CAIM 214
91. UMA CARTA
EXTRAORDINÁRIA 216
92. UM HOMEM
EXTRAORDINÁRIO 218
93. O JANTAR 220
94. A CAUSA SECRETA 221
95. FLORES DE
ANTANHO 223
96. A CARTA
ANÔNIMA 223
97. ENTRE A BOCA
E A TESTA 225
98. SUPRIMIDO 226
99. NA PLATEIA 228
100. O CASO PROVÁVEL 230
101. A REVOLUÇÃO
DÁLMATA 231
102. DE REPOUSO 232
103. DISTRAÇÃO 233
104. ERA ELE! 236
105. EQUIVALÊNCIA
DAS JANELAS 238
106. JOGO PERIGOSO 239
107. BILHETE 241
108. QUE SE NÃO
ENTENDE 241
109. O FILÓSOFO 242
110. 31 245
111. O MURO 246
112. A OPINIÃO 247

113. A SOLDA 249
114. FIM DE UM
 DIÁLOGO 250
115. O ALMOÇO 251
116. FILOSOFIA DAS
 FOLHAS VELHAS 252
117. O HUMANITISMO 254
118. A TERCEIRA
 FORÇA 259
119. PARÊNTESES 260
120. *COMPELLE*
 INTRARE 261
121. MORRO ABAIXO 262
122. UMA INTENÇÃO
 MUI FINA 265
123. O VERDADEIRO
 COTRIM 266
124. VÁ DE
 INTERMÉDIO 268
125. EPITÁFIO 269
126. DESCONSOLAÇÃO 269
127. FORMALIDADE 271
128. NA CÂMARA 273
129. SEM REMORSOS 273
130. PARA INTERCALAR NO
 CAPÍTULO 129 274
131. DE UMA CALÚNIA 275
132. QUE NÃO É SÉRIO 277
133. O PRINCÍPIO DE
 HELVETIUS 277
134. CINQUENTA ANOS 278
135. *OBLIVION* 279
136. INUTILIDADE 281
137. A BARRETINA 281
138. A UM CRÍTICO 284
139. DE COMO NÃO
 FUI MINISTRO
 DE ESTADO 285
140. QUE EXPLICA O
 ANTERIOR 285
141. OS CÃES 287
142. O PEDIDO
 SECRETO 289
143. NÃO VOU 292
144. UTILIDADE
 RELATIVA 292
145. SIMPLES
 REPETIÇÃO 293
146. O PROGRAMA 294
147. O DESATINO 295
148. O PROBLEMA
 INSOLÚVEL 297
149. TEORIA DO
 BENEFÍCIO 299
150. ROTAÇÃO E
 TRANSLAÇÃO 301
151. FILOSOFIA DOS
 EPITÁFIOS 303
152. A MOEDA DE
 VESPASIANO 303
153. O ALIENISTA 304
154. OS NAVIOS
 DO PIREU 306
155. REFLEXÃO
 CORDIAL 307
156. ORGULHO DA
 SERVILIDADE 308
157. FASE BRILHANTE 308
158. DOIS ENCONTROS 310
159. A SEMIDEMÊNCIA 311
160. DAS NEGATIVAS 313
POSFÁCIO 317
Milton Hatoum

Ao verme que primeiro roeu as
frias carnes do meu cadáver
dedico como saudosa lembrança
estas memórias póstumas

PRÓLOGO DA QUARTA EDIÇÃO

A primeira edição destas *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi feita aos pedaços na *Revista Brasileira*, pelos anos de 1880. Postas mais tarde em livro, corrigi o texto em vários lugares. Agora que tive de o rever para a quarta edição, emendei ainda alguma coisa e suprimi duas ou três dúzias de linhas. Assim composta, sai novamente à luz esta obra que alguma benevolência parece ter encontrado no público.

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: “As *Memórias póstumas de Brás Cubas* são um romance?”. Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigavelmente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro respondia já o defunto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: “Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo”. Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.

O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter lavores de igual escola, mas leva outro vinho. Não digo que mais para não entrar na crítica de um defunto, que se pintou a si e aos outros conforme lhe pareceu melhor e mais certo.

M. de A.

AO LEITOR

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará, é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no outro mundo.

Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas

1. ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos

caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha — um lírio-do-vale — e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos,

a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— Morto! morto!, dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até as ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia do que uma ideia grandiosa e útil a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

2. O EMLASTO

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer

os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perda das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseguintemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

3. GENEALOGIA

Mas, já que falei nos meus dois tios, deixem-me fazer aqui um curto esboço genealógico.

O fundador de minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas.

Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós — dos avós que a minha família sempre confessou —, porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha.

Como esse apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto do Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um *calembour*. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola neste mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas.

Vivem ainda alguns membros da minha família, minha sobrinha Venância, por exemplo, o lírio-do-

-vale, que é a flor das damas do seu tempo; vive o pai, o Cotrim, um sujeito que... Mas não antecipemos os sucessos; acabemos de uma vez com o nosso emplasto.

4. A IDEIA FIXA

A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituir-se-ia ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. Vê o Cavour; foi a ideia fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que Bismarck não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a história uma eterna loureira. Por exemplo, Suetônio deu-nos um Cláudio, que era um simplório, ou “uma abóbora” como lhe chamou Sêneca, e um Tito, que mereceu ser as delícias de Roma. Veio modernamente um professor e achou meio de demonstrar que, dos dois césores, o delicioso, o verdadeiramente delicioso, foi o “abóbora” de Sêneca. E tu, madama Lucrecia, flor dos Bórgias, se um poeta te pintou como a Messalina católica, apareceu um Gregorovius incrédulo que te apagou muito essa qualidade, e, se não vieste a lírio, também não ficaste pântano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sábio.

Viva pois a história, a volúvel história que dá para tudo; e, tornando à ideia fixa, direi que é ela a que faz

os varões fortes e os doidos; a ideia móbil, vaga ou furta-cor é a que faz os Cláudios — fórmula Suetônio.

Era fixa a minha ideia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo neste mundo: talvez a lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta germânica. Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos. Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói, não inflama nem regela, e é todavia mais do que passa-tempo e menos do que apostolado.

Vamos lá; retifique o seu nariz, e tornemos ao emplasto. Deixemos a história com os seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a confissão de Augsburg; pela minha parte, se alguma vez me lembro de Cromwell, é só pela ideia de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancara o parlamento, teria imposto aos ingleses o emplasto Brás Cubas. Não seriam dessa vitória comum da farmácia e do purita-

nismo. Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, pública, ostensiva, há muitas vezes várias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteiam e flutuam à sombra daquela, e não poucas vezes lhe sobrevivem? Mal comparando, é como a arraia-miúda que se acolhia à sombra do castelo feudal; caiu este e a arraia ficou. Verdade é que se fez graúda e castelã... Não, a comparação não presta.

5. EM QUE APARECE A ORELHA DE UMA SENHORA

Senão quando, estando eu ocupado em preparar e apurar a minha invenção, recebi em cheio um golpe de ar; adoeci logo, e não me tratei. Tinha o emplasto no cérebro; trazia comigo a ideia fixa dos doidos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é diante de tão excelso espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava pior; tratei-me enfim, mas incompletamente, sem método, nem cuidado, nem persistência; tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade. Sabem já que morri numa sexta-feira, dia aziago, e creio haver provado que foi a minha invenção que me matou. Há demonstrações menos lúcidas e não menos triunfantes.

Não era impossível, entretanto, que eu chegasse a galgar o cimo de um século, e a figurar nas folhas públicas, entre macróbios. Tinha saúde e robustez. Suponha-se que, em vez de estar lançando os alicerces de uma invenção farmacêutica, tratava de coligir os elementos de uma instituição política, ou de uma reforma religiosa. Vinha a corrente de ar, que vence em eficácia o cálculo humano, e lá se ia tudo. Assim corre a sorte dos homens.

Com esta reflexão me despedi eu da mulher, não direi mais discreta, mas com certeza mais formosa entre as contemporâneas suas, a anônima do primeiro capítulo, a tal, cuja imaginação, à semelhança das cego-nhas do Ilisso... Tinha então cinquenta e quatro anos, era uma ruína, uma imponente ruína. Imagine o leitor que nos amamos, ela e eu, muitos anos antes, e que um dia, já enfermo, vejo-a assomar à porta da alcova...

6. *CHIMÈNE, QUI L'ÊÛT DIT?* *RODRIGUE, QUI L'ÊÛT CRU?*¹

Vejo-a assomar à porta da alcova, pálida, comovida, trajada de preto, e ali ficar durante um minuto, sem

¹ Ximena, quem diria? Rodrigo, quem acreditaria?. Citação da peça de Corneille *O Cid*. [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO.]

ânimo de entrar ou detida pela presença de um homem que estava comigo. Da cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia já dois anos que nos não víamos, e eu via-a agora não qual era, mas qual fora, quais fôramos ambos, porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis. Recuou o sol, sacudi todas as misérias, e este punhado de pó que a morte ia espalhar na eternidade do nada pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. Nenhuma água de Juventa igualaria ali a simples saudade.

Creiam-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; há nela uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se pode gozar deveras, porque entre uma e outra dessas duas ilusões melhor é a que se gosta sem doer.

Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expeliu o passado. Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas. O que por agora importa saber é que Virgília — chamava-se Virgília — entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os anos, e veio até o meu leito. O estranho levantou-se e saiu. Era um sujeito que me visitava todos os dias para falar do câmbio, da

colonização e da necessidade de desenvolver a viação férrea; nada mais interessante para um moribundo. Saiu; Virgília deixou-se estar de pé; durante algum tempo ficamos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia ali, vinte anos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados dela, não sei se em igual dose, mas enfim saciados. Virgília tinha agora a beleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi pela última vez, numa festa de São João, na Tijuca; e porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabelos escuros a intercalar-se de alguns fios de prata.

— Anda visitando os defuntos?, disse-lhe eu.

— Ora, defuntos!, respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: — Ando a ver se ponho os vadios para a rua.

Não tinha a carícia lacrimosa de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples enfermeiro; podíamos falar um ao outro, sem perigo. Virgília deu-me longas notícias de fora, narrando-as com graça, com um certo travo de má língua, que era o sal da palestra; eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar dele, em persuadir-me de que não deixava nada.

— Que ideias essas! interrompeu-me Virgília um tanto zangada. Olhe que eu não volto mais. Morrer! Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos.

E vendo o relógio:

— Jesus! são três horas. Vou-me embora.

— Já?

— Já; virei amanhã ou depois.

— Não sei se faz bem, retorqui; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras...

— Sua mana?

— Há de vir cá passar uns dias, mas não pode ser antes de sábado.

Virgília refletiu um instante, levantou os ombros e disse com gravidade:

— Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar dúvidas, virei com o Nhonhô.

Nhonhô era um bacharel, único filho de seu casamento, que, na idade de cinco anos, fora cúmplice inconsciente de nossos amores. Vieram juntos, dois dias depois, e confesso que, ao vê-los ali, na minha alcova, fui tomado de um acanhamento que nem me permitiu corresponder logo às palavras afáveis do rapaz. Virgília adivinhou-me e disse ao filho:

— Nhonhô, não repares nesse grande manhoso que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte.

Sorriu o filho, eu creio que também sorri, e tudo acabou em pura galhofa. Virgília estava serena e riso-